



O Pavilhão Portuguez na Exposição Universal de Paris

Deve satisfazer cabalmente o nosso amor proprio nacional o modo brilhante por que nos apresentamos na Exposição Universal de Paris. — Aqui as palavras de um portuguez seriam suspeitas, e força é appellar para o entusiasmo intelligente de um estrangeiro, afim de que nos transmitta as suas impressões desinteressadas, quanto vivas e sentidas.

O sr. Léon Plée exprime-se n'estes termos na *Exposition Universelle de 1867 illustrée*

=Admiraes o altivo pavilhão hespanhol; olhae agora um pouco para a vossa direita. Esse pavilhão á Albuquerque (perdoae-me o extravagante neologismo), é o de Portugal. Ao primeiro olhar vêdes a alliança das artes do extremo oriente e do occidente. O descobrimento das Indias, a frequentação dos paizes musulmanos influem já nesta concepção. E' ella gentil, ousada, aventureira como o genio portuguez, e a nenhuma outra se assemelha. O chamado estilo Manoelino está alli em toda a sua pureza. Quão não seria o seu effeito, se o edificio tivesse toda a grandeza que devia ter!

=Esse Rei D. Manoel mereceu verdadeiramente o nome de *Venturoso*. Foi quasi contemporaneo do nosso Francisco I., pois que reinou de 1495 a 1521, e communicou o seu genio, ao mesmo tempo discreto e magnifico, a toda a renascença portugueza. No seu reinado só ha Vascos da Gama, Cabraes, Albuquerque, Corte-Reaes. Os sabios, os poetas, os pintores, os architectos, illustram a nação, então grande por excellencia, a nação que fez recuar até ao Oriente os limites do mundo! Qual quadro não apresenta esse reinado!

=A Commissão portugueza, para recordar a gloria do seu paiz não podia inspirar-se melhor, do que indo buscar uma pagina architectonica a uma tal epocha. Ha o que quer que seja do nababo n'essas fórmas tão elegantemente entumecidas. Necessariamente o ouro deve manar e correr nesses aposentos que a luz está banhando. A vida, o commercio, as concepções audaciosas, hão de por força dar-se ponto de reunião alli mesmo; — e pelo pensamento estamos vendo os aventureiros portuguezes subirem aquelles degraos, tendo na mão as suas górras enfeitadas de diamantes, e fazendo tinir nas pedras as suas espadas, mettidas em bainhas scintillantes de pedrarias. =

Segue-se uma descripção, a largos traços, da riqueza e variedade da nossa exposição; mas dessa especialidade occuparnos-hemos em tempo competente, e com o necessario desenvolvimento. Aqui somente quizemos apresentar a encantadora perspectiva do pavilhão portuguez na grandiosa Exposição Universal de Paris, bem como a calorosa descripção que da mesma faz um estrangeiro estimavel, a quem pagamos, cordealmente, um tributo de bem merecida gratidão.

Olhem os leitores com attenção para a gravura que lhes apresentamos, — e diliciem-se na contemplação de tão graciosa perspectiva.

A NOIVA DO CADAVALSO (Episodio da guerra do Roussillon)

VI

A derrota de 1 de maio
(Continuado de pag. 167)

Entra a fatalidade em scena. A fatalidade é o Maelstrom. Sulca um navio o mar, tranquillo, descuidoso, com as velas desfraldadas ao vento, com a equipagem cantando na tolda. Subito, sem que se turve o céu, sem que se desencadeie o vento, sem que o mar tome um aspecto differente, corta o navio a circumferencia fatal do circulo de atracção, e, dum instante para o outro, sem transição alguma, sem o minimo indicio de desgraça corre, levado por uma força invencivel, para o abysmo que o soverte. Debalde se quer esquivar á fascinação prodigiosa, fugir á vertigem louca, lá está o redemoinho terrivel estendendo por debaixo das vagas os seus braços invisiveis, lá es-

lão as garras dos demonios marinhos que não desamparam a preza.

Pois a fatalidade é assim; caminha-se descuidoso na vida, não ha motivo algum para que o dia de amanhã não seja sereno como o de hoje, nem uma nuvem no horisonte, nem um signo precursor de tempestade, e, comtudo, a procella rebenta, e uma cadeia ininterrupta de acontecimentos imprevisos conduz á perdição o baixel duma existencia.

Gaspar da Silveira, nessa noite, quando, dirigindo-se a Gomes Freire, lhe pedira licença para se ausentar do acampamento, contára-lhe, muito pelo alto, a historia do que lhe succedera. Gomes Freire ouvira-o com um sorriso amavel, concedera-lhe a licença, mas, devemos confessal-o, não lhe concedera uma attenção continuada. Percebera que era uma historia de amores. Ora em espiritos de vinte annos é esse o thema perpetuo e pouco variado, sobre que versam todos os pensamentos. Gomes Freire prestára um ouvido distraído a essa narrativa amorosa; por mais que o fascinasse a melodia do poema juvenil, não podia este absorver completamente a attenção dum moço coronel, que se vê encarregado dum commando importante, em frente de tropas, como as republicanas, dirigidas por um general como Dugommier.

Porque a fatalidade começava em tudo e de todos os modos a entrançar em torno dos dois noivos a sua rede, muito mais terrivel que a famigerada rede de Vulcano. Exactamente quando o conde da União chegava ao acampamento hespanhol, chegava o general Dugommier ao acampamento francez. Ha coincidencias notaveis. Parece que um invisivel laço prendia um ao outro os destinos desses dois adversarios. No mesmo dia, ou quasi no mesmo dia, tomaram elles o commando dos dois exercitos, no mesmo dia e na mesma batalha uma bala franceza matava o conde da União, uma bala hespanhola prostrava o general Dugommier.

Mas, dir-me-hão os leitores, de que modo podia actuar fatalmente na sorte do alferes d'Oliveira a chegada do novo commandante das forças republicanas? Dum modo muito simples. Por maior que fosse a actividade do general Dagobert, sempre este era um velho de mais de oitenta annos, e não podia ter a energia dum general na força da idade; nem a sua imaginação cansada podia conceber e pôr em execução rapidamente um plano atrevido de campanha. Por isso o general Dugommier, longe de imitar as suas hesitações, resolveu logo tornear o campo hespanhol; por isso o nosso Gaspar da Silveira, quando chegou ao acampamento, na intenção de tomar Gomes Freire de parte e de lhe pedir que protegesse Edmée no caso que a fortuna da guerra o impedisse a elle de a proteger immediatamente, ouviu rufar o tambor, vio o seu regimento já formado e prompto a marchar; chamado pela voz da honra, apeou-se precipitadamente, correu a apresentar-se ao seu coronel, e tomou o seu posto na retaguarda da sua companhia.

Nem um instante pensou o descendente de herões em não ir affrontar o inimigo, mas quando zuniram as primeiras balas, quando a voz grave e austera do canhão acordou os eccos da alvorada, Gaspar sentio confranger-se-lhe o coração, e vio passar por diante de si a forma vaporosa, o rosto suave de Edmée.

Fechou os olhos um instante; quando os abriu estava pallido mas firme. Sobresaltava-o um unico receio, a casa de Edmée, situada proxima da ponte, não estaria exposta aos eccos da peleja?

A supposição era insensata. O quartel general do exercito portuguez estabelecera-se na propria villa de Ceret. E um exercito victorioso, que na campanha precedente só contára triumphos, podia desmoralisar-se num só momento e ceder as suas posições ao inimigo, o que equivaleria a perder os fructos duma campanha feliz?

Era impossivel; mas para que o fosse absolutamente, para que a pomba que se confiára á sua protecção nada tivesse a temer, era necessario que os republicanos conhecessem logo no primeiro ataque a insania das suas tentativas.

Por isso Gaspar sentira primeiro um leve estremeamento ao pensar na morte que o podia saltar quando a ventura principiava a illuminal-o, tornou a encontrar a sua coragem de leão, lembrando-se de que ia arriscar a vida para salvar os dias da sua noiva.

E tanto o exaltou este pensamento que apenas soou o signal do ataque, apenas as columnas republicanas se desdobraram na planicie, entoando o canto sublime da *Marselheza*, e erguendo aos ares o grito de «Viva a Republica», apenas o ajudante de campo de Forbes, D. Miguel Forjaz, levou ao coronel Werna a ordem de carregar com o seu regimento, Gaspar, erguendo na ponta da espada o seu chapéo tricornio, e collocando-se na frente dos seus granadeiros com grande espanto e ira do tenente commandante Francisco Leite Pereira Rebello, electrizou-os com a palavra e com o gesto e arrojou-os numa carreira impetuosa sobre os regimentos francezes.

Estes não os esperaram a pé firme. As espadas dos officiaes republicanos scintillaram tambem á luz do sol que despontava, correu um fremito pelas fileiras dos soldados da liberdade, vibrou nos ares o formidavel estribilho de Rouget de l'Isle

*Aux armes citoyens! armez vos bataillons
Marchons, marchons,
Qu'un sang impur abreuve nos sillons*

e uma lueta de gigantes se travou entre os portuguezes exaltados e os entusiasticos republicanos.

Nunca tinham sido mais denodados os soldados da republica, mas tambem nunca fôra mais brilhante o procedimento das nossas tropas. Os francezes perguntavam a si mesmos que leões eram esses, trazidos, pelos reis, do fundo da peninsula hispanica, para combaterem nesse vasto circo já inundado de sangue. Os hespanhoes, pelejando tambem valentemente, contemplavam, ao mesmo tempo, com admiração, o denodo dos seus briosos

alliados. O conde da União dava-nos aos seus soldados como modelo, o general Forbes julgava toda a sua divisão digna dos maiores premios.

Rivalisavam em ardor o regimento d'Oliveira e o regimento Freire d'Andrade; o sargento-mór de artilheria, Antonio Teixeira Rebello (que foi depois o primeiro director do collegio militar), ia collocar duas peças em alturas quasi inacessiveis, e de lá metralhava furiosamente os republicanos. Depois de algumas horas dum combate sanguinolento, estes retiraram afinal, e deixaram os nossos soldados exaustos de fadiga, mas cobertos de gloria.

Queria o joven official correr a casa de Edmée, mas questiunculas de etiqueta militar, complicadas com as exigencias serias do serviço, vieram impedir-o de realisar esse projecto.

O tenente de granadeiros, scandalisado pela indisciplina, com que o seu alferes guiára a companhia á victoria, deu parte ao coronel Werna, e este ao general Forbes, da falta commettida por Gaspar da Silveira.

Punir o official que se comportára mais valentemente era cousa que muito repugnava ao bom do tenente general. Não dar ouvidos á representação do superior offendido era caso serio tambem para esses militares rigidos na observação dos artigos de guerra. Forbes temeu seriamente que a sombra indignada do principe de Lippe lhe viesse lancar em rosto uma tão grave falta.

Foi Gomes Freire quem resolveu o caso. O tenente ficaria satisfeito, quando lhe tirassem da companhia o official que dava tão heroicos exemplos de insubordinação. Ao mesmo tempo Gaspar da Silveira seria recompensado, porque Gomes Freire, commandante, apesar de coronel, da brigada de granadeiros, o tomara para seu ajudante de campo.

Este problema de casuistica militar foi resolvido mesmo no campo da batalha, e Gaspar, saindo das fileiras, saltou, com jubilo, para cima do primeiro cavallo abandonado que se lhe deparou, e foi-se collocar ao lado de Gomes Freire. Neste momento passava, por diante do grupo, o commandante em chefe, conde da União; vinha felicitar o general portuguez pelo brilhante comportamento das suas tropas. Essas felicitações dirigio-as elle com a amabilidade que o caracterisava, e, voltando-se depois para Gomes Freire d'Andrade continuou:

— Coronel, vi e admirei a carga brilhante que deu á testa do seu regimento. Desejo manifestar-lhe de algum modo estima e consideração. Queira, pois, designar um dos seus officiaes para ir a Montesquiou levar noticia da victoria, e saber o que se passa por esse lado. Se as noticias forem boas, como espero, o mesmo official levará a Madrid a participação dos successos das nossas armas. Espero o seu escolhido no quartel-general. Que venha immediatamente.

O escolhido foi Gaspar da Silveira. Exultou de alegria; a sua partida para Madrid habilitava-o a ir com Edmée pedir o perdão maternal, porque

anciava, e obter a sanção dum casamento que se tornara inevitável.

Dahi a dez minutos estava no quartel-general. O conde da União deu-lhe os despachos e disse-lhe :

— Não perca um instante, nem um instante só. Não lhe consinto mesmo que volte ao acampamento. Parta para Montesquiou ; é importantíssimo que eu saiba o que por lá ocorreu.

Gaspar ficou assombrado ; mas, rígido observador da disciplina, montou a cavallo, escreveu na sella um rapido bilhete a Edmée, deu-o á ordenança para que lho levasse, e partio a galope.

O bilhete continha estas palavras :

«Estou são e salvo. Amanhã voltarei duma importante missão que o general me confiou, e que me não permite ir-te abraçar. Depois de amanhã partiremos para Madrid. Para Madrid ! Entendes ? para junto de tua mãe ! Amor e esperança.»

Dahi a poucas horas entregava os seus despachos a D. Francisco de Venegas, commandante das tropas fortificadas em Montesquiou.

— Quer levar ao conde da União noticias seguras ? perguntou o general hespanhol depois de ler os despachos.

— Disso estou encarregado, respondeu Gaspar.

— Pois bem, tornou Venegas, espere algumas horas e levar-lhe-ha a noticia da derrota completa dos francezes. Será o conde informado melhor do que Dugommier, porque, com a ajuda de Sant'ago, não deixarei um republicano vivo que lhe leve a noticia.

Gaspar descórou. A fatalidade, Arachné mysteriosa, a tecer... a tecer...

Não havia que recuar. Por isso o moço alferes cortejou silenciosamente e esperou.

Fez o nosso fanfarrão de Venegas o que pôde para sustentar o seu dito, mas Gaspar, assim que ao alvorecer do dia 30 vio despontar a vanguarda das tropas francezas, percebeu que estava tudo perdido. O ataque da vespera em Ceret não fôra senão uma demonstração energica ; o verdadeiro ataque dirigia-se contra as posições de Montesquiou, de Trompette, de Bellegarde. O plano de Dugommier, plano que o valente, mas inhabil, conde da União nem por sombras adivinhára, consistia em tornear a direita do exercito hespanhol, em lhe cortar a retirada, e em lhe infligir assim uma derrota que vingaria plenamente os desastres que Ricardos fizera soffrer ao exercito francez.

Disse-o Gaspar a Venegas, insistindo para que avisasse immediatamente o conde da União, e lhe pedisse reforços.

Venegas olhou para elle com uma indefinivel ironia.

— Quer *usted*, *portuguezito*, disse elle, ir pedir esse auxilio ?

O rubor da indignação affogueou as faces de Gaspar. Conteve-se, porem, e respondeu friamente:

— Mande v. ex.^a um dos seus officiaes. Eu fico.

— Bem, então não incomodaremos o sr. conde da União por cousa tão pouca. Temos chicotes que farte para azorregar estes rebeldes.

Gaspar encolheu os hombros. Com adversarios assim, não admirava que a republica triumphasse.

No ardor da refrega, se alguem encontrou um dos chicotes em que Venegas fallava, foi de certo Dugommier que dirigia pessoalmente o ataque. Os hespanhoes abandonaram as posições depois dum combate furioso. Debalde Venegas, cedendo já tarde aos conselhos de Gaspar, enviára um official pedir soccorro ao principe de Monforte. Debalde um batalhão das tropas commandadas por este ultimo vinha a marche-marche entrar em linha. Debalde Venegas, resgatando com a sua bravura de cavalleiro as imprudencias de general, carregava á testa do seu estado-maior, e, ferido num braço, voltava a oppor-se á fuga dos seus soldados. Debalde. As tropas da republica levavam adiante de si, nas pontas das bayonetas, os soldados de Carlos IV, e estes, largando as armas, mostravam aos francezes que a natureza os dotára de ligeirissimas pernas.

— Morramos aqui, bradou Venegas furioso, precipitando-se com o seu estado-maior sobre um corpo de cavallaria franceza, que perseguia os fugitivos

O pequeno grupo engolphou-se e desapareceu nas fileiras republicanas. Houve, durante alguns minutos, uma confusão indescriptivel. Afinal, o estado-maior de Venegas saio dizimado e levando no centro dois feridos, o general e o official portuguez. Dois officiaes e quatro ordenanças tinham ficado mortos.

Um regimento de infantaria hespanhola, que retirava com mais ordem, voltou-se, formando-se em quadrado, e abrigou á sombra das suas bayonetas o grupo fugitivo.

Gaspar levára uma formidavel cutilada ; não podera paral-a, mas amortecera o golpe que lhe rachára a barretina, e lhe abrira a cabeça, mas sem que a ferida tivesse gravidade. Comtudo, foi tal o embate, que o nosso heroe desmaiou e cairia do cavallo se um official hespanhol o não amparasse, e puxando-lhe ao mesmo tempo as re-deas do corcel, o não collocasse no centro do grupo, e o não levasse a todo o galope para longe daquelle matadouro.

As ultimas palavras que Gaspar pronunciou, foram as seguintes :

— Pobre Edmée !

Entretanto, em Ceret, aos jubilos da victoria succedera um incrivel desanimo. As noticias da tomada de Montesquiou, de Bellegarde, da Trompette haviam chegado em tropel. O conde da União, vendo cortada a sua retaguarda, perdera completamente a cabeça. Debalde o general Forbes lhe aconselhava que respondesse com um movimento offensivo tambem á aggressão dos republicanos. O conselho podia ser bom, mas tinha os seus visos de imprudente. Essa resolução, comtudo, não podia dar peiores resultados do que a que se tomou. A desastrosa retirada de 1 de maio degenerou immediatamente numa fuga vergonhosa.

Que aspecto apresentava esse exercito dos Py-

renéos Orientaes, havia pouco tão brilhante! Ao principio a retirada fez-se com ordem pela ponte de Ceret, pela planicie de Morellas, e por Plà du Roi. Encravou-se a artilheria, lançaram-se as munições ao Tech, e oppoz-se á perseguição do inimigo uma resistencia intrepida. Entre outros o regimento portuguez de Cascaes fez, na presença de forças superiores republicanas, uma retirada leonina. Mas a resolução fatal, tomada pelos generaes, de se lançarem nas montanhas, desorganizou completamente o exercito; a artilheria abandonada a cada passo, as munições, as armas-semeadas pelos fraguados attestaram aos francezes que o exercito hespanhol, de todo desmoralizado, entregava nas mãos da feliz e juvenil republica a sorte da campanha. A obra de Ricardos desfizera-a a impericia dos seus successores. Estava salva a fronteira dos Pyrenéos, livre de estrangeiros o solo sagrado da patria.

No meio destes desastres portou-se briosamente a divisão portugueza. Resoára nas fileiras hespanholas o grito fatal *que nos cortan*, e espalhára o terror em todos os fugitivos. Entretanto, os regimentos de Peniche e primeiro do Porto, debaixo

das ordens do marechal de campo D. Francisco Xavier de Noronha, retiravam-se galhardamente, sem perderem a artilheria, graças aos esforços dos sargentos-mores José Antonio da Rosa e Antonio Teixeira Rebello, ao passo que o regimento Freire de Andrade protegia a retirada fazendo frente aos francezes logo que se lhe deparava uma posição onde podia firmar-se.

Por outro lado o general Forbes era encarregado de retirar com as tropas portuguezas e hespanholas que guarneciam o alto Vallespir. Essa columna, que constava do segundo regimento do Porto e do regimento d'Olivença, e dos batalhões de Malaga e de Vallespir, marchou com fortuna e denodo e pôde reunir-se ao corpo principal sem perdas demasiadas.

No meio desse desastre formidavel, que aniquilava para sempre as esperanças do governo hespanhol, e dos emigrados francezes, o que faziam os nossos dois pobres heroes, cujo barquinho florido boiava á toa sob este mar de tempestade?

É o que veremos no capitulo seguinte.

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.



Os pescadores do Adriatico preparando-se a partir para a pesca do mar alto.

O quadro, de que a nossa estampa é copia, foi obra do pincel do celebre pintor Leopoldo Roberto.

Digamos primeiramente duas breves palavras acerca do artista, e depois admiraremos as bellezas que esta copia deixa adivinhar no quadro dos *Pescadores do Adriatico*.

Leopoldo Roberto nasceu em Chaux-le-Fonds, no Cantão de Neuchatél, no anno de 1797. Seu pae pretendia que elle tivesse o officio e trafico de relojoeiro; mas, cedendo á decidida inclinação que o filho manifestava para as artes, o mandou para Paris a aprender a gravura com Girardet. O mancebo fez taes progressos, que em 1812 obteve o segundo premio na Escola das Bellas Artes; mas logo depois passou a estudar a pintura na officina de David. — A benevola amizade de um dos seus compatriotas deveu o poder ir estudar em Roma com os grandes mestres e travar conhecimento com os grandes modelos. Renunciou então á gravura, e de todo se consagrou á pintura. — Grande era, por certo, o seu entusiasmo pela arte que abraçára; mas tornava-se mais botavel pela applicação severa, do que pela promptidão, que é o característico do genio. Trabalhou muito, sim; mas foram pouco numerosas as suas produções; nem outra coisa poderia succeder, pois que não só era vagaroso o seu pincel, senão tinha Roberto o costume de destruir, ou pôr de parte pintura sobre pintura até ficar satisfeito com o desempenho do quadro, a que se propozerá. Diz-se que chegou a gastar de tres a quatro annos em uma só pintura, como de feito succedeu com o quadro dos *Segadores* ou *Cefeiros*, que tamanha admiração excitou quando pela primeira vez foi exposto em Paris no anno de 1831. —

Os seus quadros compostos na Italia — o *Improvisador Napolitano* — e a *Madonna dell'Arco*, pintam do modo mais feliz a vida e o caracter Italiano, com perfeita fidelidade, e ao mesmo tempo com uma finura e graça admiraveis, e sem o menor toque de affectação.

O quadro *Os Pescadores do Adriatico*, representado pela nossa estampa, foi a ultima obra que Leopoldo Roberto fez; e foi precisamente essa pintura, aquella que poz o remate á sua gloria, e collocou o seu nome nas fileiras dos maiores artistas do seu tempo na provincia especial por elle escolhida. Mas a admiração geral que este quadro excitou em Paris por occasião de ser exposto ás provas publicas, foi misturada com o pezar mais profundo em rasão da fatalidade que por esse tempo fazia do artista uma victima lastimosa. Com effeito, no mesmo dia em que no anno de 1835 era exposto em Paris o quadro dos *Pescadores do Adriatico*, rendiam os artistas e os homens cultos, residentes em Veneza, as honras fúnebres ao insigne pintor Leopoldo Roberto, que baixava á sepultura tendo apenas 38 annos de idade! Não foi, porém, a morte quem veio visitar o eximio artista á hora marcada pelas leis da natureza; foi o proprio Leopoldo Roberto quem a si se privou da existencia, — arrastado ao suicidio por uma paixão amorosa infeliz.

No quadro original de que a nossa estampa é copia, admiram os entendedores a força e elevação do pensamento, a delicadeza do pincel, a pureza do desenho, a elegancia dos contornos a firmeza e brilho do colorido, e os magicos effei-

tos da luz que se derrama nesta obra sublime.

Mas o homem que não sabe avaliar as bellezas da pintura segundo as theorias e as regras da arte... ainda esse mesmo fica estatico diante do quadro e recolhe uma inspiração melancolica, como que antevendo alguma grande calamidade que aguarda no meio das ondas enfurecidas os infelizes pescadores. Tão poderoso é o magico pincel de um artista privilegiado, quando demais a mais reproduz na tea os seus proprios presentimentos a sua propria dôr.

FENELON

(Continuado de pag. 153)

Fenelon arrosta com os prejuizos do seculo, e sopeia-os de prompto com o seu notavel tratado da *Educação das meninas*. A França ainda hoje bemdiz o escriptor, cuja voz, repercutindo-se no palacio do grande e na mansarda do pobre, despertou, dum lethargo secular, o sexo das graças, acorrentado, pelo orgulho do homem, ao poste da ignorancia.

Fenelon abre uma nova rota ao espirito da mulher. A coroa da belleza e a coroa do talento entrelaçam seus ramos viridentes, e a mulher começa a exercer um notavel influxo na litteratura franceza.

Os fructos abundantes das missões de Saintonge, e a geral acceitação da *Educação das meninas* abrem a Fenelon o caminho da cõrte de Versailles. Mas não se pense que Fenelon ia occupar um lugar entre os cortezãos de Luiz XIV como condigno galardão dos seus serviços, das suas virtudes, do seu talento: o luxo, a opulencia e uma alta posição social, nunca attrairiam a Versailles o filho do conde de Fenelon. Na cõrte de Luiz XIV ia elle desempenhar mais uma nobre missão, educando os filhos dum rei, e, entre elles, o herdeiro presumptivo da coroa. Se Luiz XIV folgava com ter confiado a educação de seus filhos a um homem benemerito, este, por sua parte, não nutria maior ambição que a de educar um rei, digno deste nome.

Foi em setembro de 1689 que Fenelon tomou sob a sua direcção os tres filhos de Luiz XIV; — Luiz de França, duque de Borgonha; Philippe, duque de Anjou, aclamado rei de Hespanha em 1700; e Carlos, duque de Berry. Destes, o primeiro, o duque de Borgonha, é sobre quem recaiam os maiores desvelos de Fenelon, que, vendo-se responsavel pelo futuro bem da patria, renunciava a todo o interesse pessoal, porque todo elle eram cuidados em alicerçar a felicidade da França. Malograda, porem, vio elle a melhor parte destes desvelos: Luiz de Borgonha, o discipulo predilecto de Fenelon, e herdeiro presumptivo da cõroa, morreu delfim em Marly aos 29 annos de idade, em 1712.

Não temos palavras com que possamos traduzir aqui a dolorosa situação do mestre, pela morte dum discipulo cuja esmerada educação custára a Fenelon 23 annos dum trabalho assiduo, mas rico de esperanças. É digna do maior elogio a singular paciencia e engenhoso methodo, com que Fenelon soube vencer a altivez e indocilidade que Luiz de Borgonha manifestára em subido grão nos seus primeiros annos; basta dizer-se que Luiz, ainda adolescente, era já o modelo dos homens de bem, e o *idolo da cõrte*, como o cha-

mava um orador do seu tempo. Quem o levar em gosto, socorra-se a Ramsay, e saberá os meios suaves, mas efficazes com que Fenelon dominou esse character sobranceiro, altivo e indocil. Devemos todavia aqui notar que o *Telemaco*, a obra prima de Fenelon, foi empreendida por amor de Luiz de Borgonha, e que a ella é especialmente devida a mudança do seu character e as virtudes que mais o enobreceram. A muitos parecerá dislate de grosso calibre esta ultima assersão.

— Póde lá ser proveitosa — dirão certos moralistas de chinó — póde lá ser proveitosa a lição dessas paginas, onde com vivas cores se pintam os amores illicitos de *Telemaco* e *Eucharis*! —

É que os olhos desses apreciadores miopes não alcançam o alvo a que Fenelon visára na composição do seu poema-romance. O arcebispo-duque de Cambrai, cujo sonho favorito era a educação de Luiz de Borgonha, rectamente considerou que numa obra de tal natureza, era dever o advertir o real educando, dos escolhos que devia evitar ao sair da infancia. Mas veja-se ainda como Fenelon corrobora essa lição, fazendo que uma divindade tutelar precipite dum rochedo o erradio Telemaco, antes que este sacrifique os deveres de filho aos impulsos duma paixão nascente.

O *Telemaco*, esse fragmento da antiguidade homérica, poetisado nas modernas idades, arceiou-se com as galas esplendidas do genio de Fenelon e insinuou-se no espirito do duque de Borgonha, levando-o á virtude, e fazendo-o compenetrar dos deveres do homem e do rei. De facto, cada pagina do *Telemaco* nos inspira o amor da justiça, o horror á lisonja, o respeito á verdade, a constancia no infortunio, o amor da patria, a humanidade para com os vencidos; de geito que o abba de Terrasson não hesitou em avançar: — *se a felicidade do genero humano podesse nascer dum poema, seria do Telemaco.*

(Continúa)

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

O homem nunca se ama tanto, como quando se esquece de si mesmo. O CONDE MOLÉ.

A INVEJA QUE TENHO AOS QUE VISITAM A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS

Chegam aos meus ouvidos os eccos da admiração, que a grandiosa e esplendida festa da industria excita em todos os visitantes, — e principio a ver os desenhos de um grande numero de maravilhas, que o palacio da exposição encerra em seu seio e nas suas dependencias.

Na proporção deste forte estimulo cresce a minha curiosidade, e se desenvolve a minha inveja, — esse sentimento, a mil outros respeitos baixo e detestavel, que neste assumpto não me envergonho de apregoar.

Eu quizera ir vêr, com meus proprios olhos, o como se operou a magica transformação do Campo de Marte em um palacio encantado, em edificações admiraveis e arrebatadoras, em lagos, em jardins, em kiosques.

Quizera ir ver como se effectua ordenadamente a comunicação de milhares e milhares de pessoas com o recinto, onde se accumulam os productos da industria de todo o mundo.

Quizera ir ver a engenhosa e sabia disposição do interior do palacio, que em um só pavimento permittio classificar e expor os objectos, do modo mais cabal para a curiosidade e para o estudo.

Quizera ir ver os interessantes specimens das melhores produções naturaes das diversas regiões do globo, bem como os artefactos mais notaveis da industria dos povos modernos, as sublimes produções das bellas artes, e os testemunhos dos trabalhos de outras eras.

E tudo isto me encheria de contentamento, e me faria passar alegres horas por espaço de muitos dias!

Mas, affigura-se me que ainda mais donoso seria ver os modelos de algumas edificações — ou monumentaes, ou destinadas para habitação e para o trabalho, quer da antiguidade, quer dos tempos modernos. Dezenas desses modelos, transumptos fieis e expressivos, se encontram na Exposição Universal de Paris: e por meio delles lograria eu, zombando do tempo e do espaço, deliciar a alma na contemplação de curiosissimos objectos, reunidos diante de mim em um só local.

Pelos desenhos que tenho presentes, faço idéa das sensações agradaveis que recolheria de tal exame, e dos conhecimentos positivos que adquirir poderia, conseguindo dar clareza a imagens confusas, como a lição de escriptos, desajudadas de taes elementos, só pode fornecer.

Veria, por exemplo, o modelo de uma igreja da Romania, que offerece o specimen da transição entre a arte byzantina e a arte oriental. É singular a sua triplicada cupola; falta por certo alguma cousa a esse incidente architectonico. Com rasão diz M. Ducuing que ha nesta edificação um mixto da mesquita e do Kremlin.

O Egypto antigo e moderno, um e outro sumamente curiosos, excitam o desejo de travar conhecimento com esse paiz, que a historia e os viajantes recommendam á nossa attenção. — Assim, quanto de interesse não inspiram os modelos do palacio do vice-rei do Egypto, de uma casa egypcia, e as reproduções archeologicas das ruinas desses templos gigantescos, que ainda hoje espantam a imaginação com as suas portas collossaes, com as suas columnas grandiosas, com as suas pinturas hieroglyphicas, com as esphinges de seus atrios!

Deixaria esses objectos, e veria depois o modelo de uma casa de campo da Hollanda, procurando penetrar no interior, onde tudo está disposto com a maior regularidade, — onde o accio mais apurado quasi se assemelha ao esplendor do luxo, — onde, em repartimentos bem traçados, as creaturas humanas, e os animaes domesticos encontram o agasalho e o conforto, que respectivamente lhes são necessarios.

Ainda, com referencia á Hollanda, seria curioso ver o modelo da casa de lapidação de diamantes, — industria melindrosa, privativa da cidade de Amsterdam.

Veria depois o modelo duma casa de Noruega, construida toda de madeira, e notavelmente graciosa em sua fórma.

Mas... basta de exemplos por hoje. Assás justificada está a minha curiosidade, e por ventura tambem a inveja que acima confessei ter aos visitantes da Exposição Universal de Paris.

—Ater-me-heiaos desenhos que a *Exposição Illustrada* apresenta, e em outra occasião darei uma breve noticia do que de mais curioso se me deparar.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

UM PUBLICISTA IMPLACAVEL

M. de Bonald

Tratava-se de estabelecer penas contra os sacrilegos, em uma discussão parlamentar, e M. de Bonald opinou nestes *suaves e humanos* termos: — *Foi Deus o offendido; enriemos o culpado á presença do seu Juiz natural!* (C'est Dieu qui est l'offensé; renvoyons le coupable devant son juge naturel.) —

Estas palavras terriveis fazem da pena de morte um preliminar do processo, e aconselham um abuso do direito de matar, até ao ponto de inculcar um castigo sanguinario antes de haver julgamento, — como atiladamente reflexiona um philosopho estimavel, M. Jules Simon.

Quanto mais verdadeiramente christão, e humano, não é o pensamento de Montesquieu: «Cumpre honrar a Divindade; vingal-a... jámais. E com effeito, se houvessemos de nos guiar por esta idéa, qual seria o fim dos supplicios? Se as leis dos homens tem que vingár um ente *infinito*, hão de necessariamente regular-se pela *infinitude* delle, e não pelas fraquezas, pelas ignorancias, pelos caprichos da natureza humana.»

— O mesmo M. de Bonald disse tambem: — *Aos homens sómente devêra ser permittido reunir-se na igreja, ou no exercito; pois que ali não deliberam: — escutam, e obedecem.* (On ne devrait rassembler les hommes qu'à l'église ou sous les armes, parece que là ils ne délibèrent pas; ils écoutent et obéissent.) —

Responda a isto a poderosa e affortunada Inglaterra, respondam a Belgica, os Estados Unidos; responda o nosso proprio Portugal com a liberdade omnimoda e illimitada, de que tem gosado nestes ultimos annos, sem o menor perigo para a sociedade!

— Do mesmo publicista é o seguinte enuncia-do: — *A pena de morte é o meio mais seguro de repressão: sendo a sociedade um ente necessario, só deve empregar, para a sua conservação, meios infalíveis.* (C'est après tout le moyen le plus sûr. La société étant un être nécessaire, elle ne peut employer pour se conserver que les moyens infailibles.) —

Ha muitos annos que em alguns paizes se não sabe o que é uma execucao de pena de morte... e contudo, graças a Deus, a sociedade não se dissolve. — Bonald era da escola do conde de Maistre, ao qual se affigurava que a ordem cederia o passo ao cahos, os thronos se abysmariam, e a sociedade desapareceria, no proprio instante em que se supprimisse o *carrasco*, laço que prende as associações humanas! No conceito do conde de Maistre, a grandeza, o poder, a subordinação, repousam no *executor!*...

Já em 1815 dizia o sentencioso Royer-Collard: *Não é sempre o numero dos supplicios quem salva os imperios.* (Ce n'est pas toujours le nombre des supplices qui sauve les empires.)

— «A liberdade de imprensa, dizia tambem M. de Bonald, é um tributo lançado sobre os que lêm; e daqui vem, que só a sollicitam os que escrevem. — Sollicitaram a liberdade de pensar, —

o que é um pouco mais absurdo, do que sollicitar a liberdade da circulação do sangue; mas o que os sophistas chamavam liberdade de pensar, era a liberdade de *pensar em alta voz*. Como, porém, fallar e escrever sejam *actos*, não é licito sollicitar tolerancia para actos culpaveis, sob pena de tornar inuteis todos os cuidados que a administração emprega para manter a paz e a ordem, ou antes, sob pena de abalar a sociedade nos seus fundamentos.»

A razão desprevenida nos diz, *a priori*, que é optima e preciosissima cousa a liberdade de pensar *em alta voz*; mas, e graças a Deus, o exemplo da Inglaterra, da Belgica, dos Estados Unidos, e de Portugal nestes ultimos annos, veio confirmar a boa crença, que hoje está arreigada no espirito de todos os homens de são juizo. — Os inconvenientes dessa liberdade pesam infinitamente menos do que as suas vantagens; e afora isso, á proporção que os povos vão progredindo na carreira da civilisação, desaparecem tambem progressivamente os inconvenientes.

— «O povo, para ser feliz, não necessita de saber ler e escrever; nem sequer para bem de seus interesses é necessario um tal conhecimento. Leis boas, e um governo firme e vigilante... eis o que lhe é necessario.»

Saibam sómente ler e escrever M. de Bonald é uns poucos mais de individuos privilegiados!... O povo... esse seja ignorante, bruto, cego!

Quanto mais consoladoras e verdadeiramente salutaes não são as reflexões, que já n'outra occasião citámos, de uma senhora, profundamente religiosa, M.^{me} Necker? Eil-as aqui em toda a sua simplicidade:

— Para um christão, não saber ler a lei divina, que elle cre não poder violar sem pôr em risco a sua salvação; para um homem, sujeito a ser levado aos tribunaes, não saber lér as leis humanas que pôdem condemnal-o á morte; para aquelle que contrahe, ou faz contrahir obrigações, não poder tornal-as fixas por meio da escriptura; para o homem que se sustenta do seu salario, não poder calcular que direito tem de o reclamar: é ignorar as condições, a que a existencia está ligada, — é ao mesmo tempo ignorar os meios de as preencher. —

— Voltaremos a fallar de M. de Bonald; e depois deste publicista philosopho, fallaremos de M. de Maistre. Respeitamos o talento do primeiro, e o genio do segundo; mas temos por conveniente recordar a exaggeração systematica dos seus principios politicos, bem como o que havia de aspereza e de violencia na sua philosophia. A marcha dos acontecimentos, e os progressos da civilisação tem demonstrado que a sociedade pôde manter-se, e a humanidade ser feliz, sem o elemento de repressão incessante, sem os rigores de penalidade, sem a concentração de força e poder, que elles sustentaram em seus escriptos.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

O desejo que tinhamos de apresentar ha mais tempo a gravura do Pavilhão Portuguez foi incompativel realisal-o, por estarem já impressos os numeros que a Empreza possui em reserva assim de ser infalivel a entrega semanal aos srs. assignantes.